

### Aspectos positivos da Reunião da Figueira da Foz

Aos 29 de Maio de 1971 Cadernos promoveram na Figueira da Foz (e como gostamos de associar a tão grande reunião o nome de António Vítor Guerra e a acção do município local!) uma importante sessão de trabalho. daquelas que se podem considerar decisivas no futuro de toda a nossa actividade profissional. Através de um dos seus componentes, no caso a colega Rosalina da Silva Cunha, Cadernos chamaram a atenção para os perigos, os enganos em que os bibliotecários, os arquivistas, os documentalistas se podem deixar cair. Ao apontar o caminho que há a seguir, Cadernos não se colocaram em posição cómoda. Pelo contrário. Optaram por trilho duro, apontando com crueza mas sempre com inteira veracidade as dificuldades que nos afligem.

O problema foi colocado num plano relevantíssimo: o do grupo profissional, o balanço da sua actividade após Novembro de 1969 e perspectivas que se podem abrir ou perspectivas que se poderão fechar. Portanto, questão primeira — e quase única: a nossa responsabilidade e o nosso futuro. Depois também se aludiu a outra questão, aliás de somenos, questão subsidiária — a da colaboração ou não a prestar a Cadernos e posição destes na evolução futura — ou continuar a ser o órgão expressivo de uma profissão, seu símbolo e seu arauto, ou transformar-se tão só em mais uma revista técnica da especialidade. No entanto, a grande questão tratada na Figueira da Foz, foi a primeira, a da situação da profissão e forma dela se tornar cada vez mais conceituada e respeitada.

Após a explanação dos pontos de vista de Cadernos, pontos de vista lúcidos, claros, mas não, é evidente, agradáveis, logo colegas nossos ergueram as suas autorizadas vozes e debateram a multifacetada questão. Vieram razões, vieram queixas, surgiram alvites e, sobretudo veio uma coisa importantíssima: os mais novos e os mais velhos na classe, sentiram-se irmanados na mesma responsabilidade e viram bem o que se pede de todos nós — e esse esforço não pode ser feito por impulsos generosos mas fugazes. Tem de ser, sim, estabelecido na constância do dia a dia, tem de ser uma afirmação de valorização das instituições que servimos, prestando relevantíssimos apoios, revelando o que aí existe, dizendo ao País que o bibliotecário, o arquivista, o documentalista lhe é tão necessário como o médico ou o engenheiro.

Debatido logo ali, na Figueira da Foz, o caso, comentado depois pelos colegas que não puderam assistir à reunião, uma reacção salutar se definiu: houve uma tomada de consciência, a posição de



*Cadernos foi como que uma pedra que tivesse caído em lago de águas tranquilas e que o tivesse agitado. Todos, à uma, novos e velhos, mostraram uma perfeita consciência do que se deseja atingir e viram que o problema é de todos e que todos temos uma extraordinária acção a exercer.*

*A jornada da Figueira da Foz, que começou por ser um despertar, pode ter sido o início de um grande e largo movimento que leve ao objectivo final: a afirmação real, autêntica de um grupo de técnicos que têm na vida portuguesa uma altíssima acção a desempenhar.*

*É certo que uns tantos, felizmente, tantos como os dedos de uma das mãos, não perceberam ou não quiseram perceber a posição de Cadernos. Mas desses não reza a história, pois esses têm-se sempre mantido alheios ao movimento de Cadernos e só têm sabido colher, com comodidade e absoluto desprezo, os frutos que estes não conseguiram trazer para os bibliotecários, os arquivistas e os documentalistas. E o que conta, em realismo profissional, são os que têm valor e colaboram — e não os outros... O manto da apagada e vil tristeza atabafa-os por completo...*

*Enfim, a jornada da Figueira da Foz, dolorosa de início, transformou-se em jornada de despertar. Agora há que persistir, há que tomar decididamente o caminho da valorização profissional em todos os campos que se nos deparam. E não podemos repousar, pois, nesta altura, seria condenarmo-nos definitivamente. Velhos e novos têm de continuar. O futuro somos nós que o fazemos.*